

Lefebvre, Henri

HENRI LEFEBVRE E O MOVIMENTO DO QUE ESTÁ EM FORMAÇÃO

A Revolução Urbana. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1999 (tradução: Sérgio M. Martins, Revisão técnica Margarida Maria de Andrade)

Amélia Luisa Damiani e Odette Carvalho de Lima Seabra

Henri Lefebvre seguramente já está entre as influências do pensamento geográfico deste fim de século. Residualmente, pode ter sido lido bem antes. Ainda nos anos 60, Pierre George, geógrafo francês, numa composição com o "Institut de Sociologie Urbaine" dirigido à época por Lefebvre, sugere estudos sobre a questão urbana, envolvendo o espaço vivido e seu lugar na compreensão da urbanização.

Lefebvre jamais admitiria permanecer circunscrito a uma ciência. Dizia-se filósofo, melhor ainda, "metafilósofo": pensador da realidade social como totalidade, incluindo o virtual; sem definir o pensamento independente da prática; nem tornar a realidade pensada um sistema definido e acabado. Não preteriria qualquer contribuição científica, seja das ciências naturais ou sociais. Não se tratava de uma filosofia que pairasse acima das ciências e de suas descobertas, nem acima da práxis, a mais cotidiana. Também não separava, a ponto de excluir, o sentir do pensar, o pensamento da arte. Sequer podia cindir a vida da arte. Então, o universo é o de um modo de existência filosófico, que não constituía uma redoma em relação à vida, nem à arte, que não se instalava no absoluto, num fundamento absoluto. Senão a filosofia seria imediatamente a alienação filosófica. Entre as categorias que moveram seu pensamento, a alienação foi sendo definida como crucial. Trouxe de Marx, entre os le-

gados, esta enorme contribuição, negada pelo pensamento marxista dogmático, contra o qual se chocou, noção que deveria ser cuidadosamente reelaborada e que tem uma história na obra de Hegel. Através da alienação, mais ainda, das alienações, de seu reconhecimento e de sua crítica, funda-se uma ira e uma luta contra o(s) absoluto(s), como impossibilidade do viver. Desta forma, chega à necessidade de uma sociologia que pense a mediação do social, entre o econômico e o político, rompendo com as interpretações, ao mesmo tempo ontológicas e esvaziadas dos intermediários, ou seja das mediações, para ele fundamentais na reflexão: a subjetividade, o social, a alienação, o cotidiano, o vivido, a percepção etc. Isto não significa que se diria sociólogo e não filósofo; que tenha escolhido uma entre as ciências estabelecidas; antes, define, seu modo de ser filosófico.

A revolução urbana trata da potência de um pensamento sobre o urbano, de natureza metafilosófico. Não define o urbano como um tema entre outras tematizações. Para ele, o movimento da história humana e de suas possibilidades inclui o urbano. Não exatamente as cidades reais ou o processo de urbanização, reduzidos à sua atualidade fatural inexorável, mas a produção possível do urbano, meio real, meio virtual, em formação, a partir da urbanização presente e das possibilidades latentes de uma história

das cidades, cujo percurso, praticamente, coincide com a produção do homem como ser humano já não pode mais acomodar seus conteúdos. É assim que a metáfora, emprestada à física, para traduzir os aspectos do fenômeno urbano-metropolitano, mostra verdadeiramente sua força: a cidade implode e explode. Ou seja, reúne o que está disperso, integra de modo desigual, potencializando e realizando esta força em fragmentos dispersos. Trata-se de um raciocínio verificável, quando se estuda os mercados de terra e de trabalho.

O processo de integração dos mercados e das mercadorias (pessoas, coisas) à cidade dura séculos. A cidade política resiste; é a cidade comercial, implantada sobre a cidade política, que precede a emergência do capital industrial. Se ela, indústria, se aproxima da cidade é para aproximar-se dos capitais e dos capitalistas. Estranho e admirável movimento, que renova o pensamento dialético: a não-cidade e a anti-cidade vão conquistar a cidade e penetrá-la, fazê-la explodir.

O autor chega à hipótese teórica, a uma segunda inflexão: a industrialização, potência coativa, converte-se em realidade dominada, no curso de uma crise profunda, às custas de uma enorme confusão na qual o passado e o possível, o melhor e o pior, se misturam.

Não existe uma ciência da cidade, mas um conhecimento do processo global em formação. O urbano define-se não como realidade acabada, mas como um horizonte possível. O conhecimento teórico não pode deixar este objeto virtual no abstrato. Deve mostrar o terreno no qual se funda uma prática urbana concreta. Eis o novo.

O urbano como modo de vida coloca questões tais como até que ponto a revolução telemática, as modalidades de transporte de massa, em conexão com as alterações do mundo do trabalho, não estão tecendo uma outra estrutura urbana? As revoluções, para serem assim designadas, têm que alcançar a textura fina da vida. E as redefinições, que o uso destas tecnologias estão mostrando, indicam uma enorme

inflexão, resultando na urbanização generalizada. Agora, o tecido urbano prolifera e num mundo colonizado por objetos.

Esta obra sugere pensar que as grandes mudanças conhecidas no Ocidente tiveram por base movimentos vindos do campo. Mas agora, só o urbano, como quadro de vida, é capaz de comportar a crítica radical, aquela que compara o real e o possível, desfazendo a ilusão urbanística, enfrentando as estratégias do imobiliário e do Estado neste capitalismo de organização, que não quer dizer organizado.

Enfim, a pressão da realidade urbana estilhaça não só a cidade histórica, mas muitas das ideologias que sustentaram o industrialismo, esclarecendo o absurdo de uma filosofia e de uma prática que faz do trabalho um fim em si mesmo para milhões de trabalhadores. E, ao mesmo tempo, lança outros tantos milhões à condição de inumanos. A crítica é urgente, e o fato desta sociedade entrar num período de revolução urbana não quer dizer que a problemática urbana possa se resolver facilmente, quer dizer simplesmente que a sociedade altamente industrializada não responde à problemática urbana com uma transformação capaz de resolvê-la, mas mergulha num caos, com uma capa de ideologia da ordem e da satisfação.

O significado que este autor tem para os geógrafos, sem pretensão de encerrá-lo na geografia, é sua acuidade no tratamento do que se refere ao espacial. Corrigindo a compreensão do espaço no plano dos conteúdos naturais, sociais, econômicos... em direção a um entendimento que envolva a dialética da forma e do conteúdo.

Dois geógrafos insistiram nesta empreitada de colocar à disposição do leitor brasileiro esta obra sobre o urbano. Com cuidado, pois são leitores atentos da obra do autor, produziram esta versão em português. Durante todo o livro, observa-se a atenção e o compromisso de pesquisadores da obra de Lefebvre, que aqui se apresentam como apurados tradutores. Conhecem os autores que o influenciam, conhecem o percurso das noções que aqui utiliza, não há risco de

qualquer vulgarização. E, através deles, a geografia esclarece que a obra lefebvrina faz parte

de um pensamento sobre o espaço no mundo atual.

